

Iruya: choques e mudanças no encontro com cosmologias do capitalismo.

Raquel Lara Rezende, Doutoranda em Educação (UFJ). rlrzende@yahoo.com.br

Lara Nasi, doutoranda em Comunicação (UFSM), docente de Jornalismo na Unijuí- RS. nasi.lara@gmail.com

RESUMO: Nesse texto propomos refletir sobre as dissonâncias de pensamento e modos de vida quando se encontram as cosmologias andina e capitalista. Apresentamos o cenário vivenciado em janeiro de 2016 na cidade de Iruya, província de Salta, que vive as consequências da chegada do turismo na década de 2000 no norte argentino. Conversas em profundidade com representantes da secretaria de turismo do município, um passeio guiado pelas serras e a observação de uma cerimônia à Pachamama nos possibilitaram uma viagem pela cosmologia e ancestralidade que ainda sustenta o lugar. A perspectiva metodológica adotada neste trabalho é transmetodológica (MALDONADO, 2011), ao considerar que é possível produzir outros modos de conhecimento, no contexto adverso da hegemonia da lógica do capital e de poderes oblíquos. A proposta transmetodológica requer a confluência de vários métodos e lógicas, modelos e matrizes de problematizações do real. Nossa observação do “real” analisado tem inspiração etnográfica, com observação das relações simbolizadas e configuradas entre indivíduos (AUGÉ, 2007). Como resultados, propomos uma reflexão sobre impactos de uma relação não planejada, tecida a partir do turismo, que leva à entrada de cosmologias do capitalismo na pequena comunidade dos andes. Os impactos dessa relação são discutidos do ponto de vista de produção de conhecimento, costumes, valores, economia, gestão de resíduos e saúde.

Palavras-chave: Cosmologias; Turismo; América Latina; Caminhar;

RESUMEN:

En este texto proponemos reflexionar acerca de las disonancias de pensamiento e modos de vida cuando se encuentran las cosmologías andina y capitalista. Presentamos el escenario vivido en enero de 2016 en el pueblo de Iruya, provincia de Salta, que vive las consecuencias de la llegada del turismo en la década de 2000 en el norte argentino. Charlas en profundidad con representantes de la secretaria de turismo del pueblo, un paseo guiado por los cerros y la observación de un rito a la Pachamama nos han posibilitado un viaje por la cosmología y ancestralidad que aún sostienen el lugar. La perspectiva metodológica en este trabajo es transmetodológica (MALDONADO, 2011), por considerar que es posible producir otros modos de conocimiento, en el contexto adverso de la hegemonía de la lógica del capital y de los poderes oblicuos. La propuesta transmetodologica requiere la confluencia de varios métodos y lógicas, modelos y matrizes de problematizaciones de lo real. Nuestra observación del “real” analizado tiene inspiración etnográfica, con observación de las relaciones simbolizadas y configuradas entre individuos (AUGÉ, 2007). Como resultados, proponemos una reflexión sobre impactos de una relación no planeada, tejida desde el turismo, que lleva a la entrada de cosmologías del capitalismo en la pequeña comunidad de los Andes. Los impactos de esta relación son discutidos desde la perspectiva de la producción de conocimiento, costumbres, valores, economía, gestión de residuos y salud.

Palabras-clave: Cosmología; Turismo; Latinoamérica; Caminar

No interior da Província de Salta, no Norte da Argentina, encontra-se o pequeno *Pueblo* de Iruya, em uma altitude média de 2,780m e com população estimada em cerca de mil habitantes. O povoado fica em meio a montanhas e o acesso é difícil. Mesmo situando-se na província de Salta, a cerca de 300km da capital da província, só se consegue chegar até lá pela província de Jujuy, em estradas mal pavimentadas,

descendo penhascos e cruzando rios. Esta pequena cidade recebe, no verão, uma média de 11 ônibus por dia, com cerca de 500 visitantes, de acordo com informações do setor de turismo comunitário. São, hoje, em sua maior parte, jovens, argentinos especialmente, mas vindos da capital e de regiões mais ao sul e ao centro da Argentina. Mochileiros, que chegam todos os dias para conhecer o pequeno e afastado *pueblo*, com sua paisagem deslumbrante em meio a montanhas coloridas.

Nosso interesse em refletir, escrever e estudar sobre este lugar e este “encontro” entre a população local e os turistas, com visões bastante distintas de mundo, parte de nossa experiência como viajantes. Em janeiro de 2016, partimos juntas em viagem para conhecermos mais de nossa América Latina. A rota incluía o norte da Argentina e a região da Quebrada de Humauca, em Jujuy, que nos levou à Iruya, logo antes de seguirmos em direção à Bolívia.

Olhar para o mundo é também olhar para um mundo já começado, um mundo que já existe para aqueles que chegam, e que tem sido percorrido, atravessado, pensado, representado, pelas mais diversas cosmologias. Por isso mesmo, nesse exercício de olhar o mundo, o que vemos não é, na maior parte das vezes, simplesmente o que ele é de fato. O que vemos também são as representações desse mundo, e ainda o que aprendemos a ver, quando olhamos.

Boaventura Santos, em seu curso sobre “Epistemologias do Sul”, no Centro de Estudos Sociais, na Universidade de Coimbra, em abril de 2013, diz que “para conhecer é preciso colocar-nos em movimento”. Compreendemos “movimento” no sentido literal, de deslocamento físico, e também no sentido abstrato, de arriscar outros olhares, pensares e sentires possíveis. E quando nos colocamos em movimento, em ambos os sentidos, então nos encontramos com sua grande potencialidade.

A defesa de Boaventura tem a ver com a necessidade que ele acredita haver de irmos ao Sul, aprendermos com o Sul, e como conhecemos a partir do Sul. O Sul, nesse caso, não é elucidado geograficamente. “É um sul anti-imperial. É um sul que existe no norte. Assim como todos os países possuem um norte, veem o mundo a partir da epistemologia do norte”. Santos propõe esse termo “epistemologias do sul” para fazer referência a um conjunto de práticas cognitivas, cujos conhecimentos vêm a partir das experiências dos grupos sociais que têm sofrido de uma maneira sistemática as injustiças do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado.

Em texto de 2007, ao evidenciar as linhas invisíveis, e ao mesmo tempo abissais, que separam o norte e o sul, entre os “deste lado da linha” e os de um outro lado inapreensível aos que estão no norte, Boaventura argumenta em favor de uma ecologia de saberes, que se baseia “no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em suas interações

sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento” (2007, p. 22-23).

Compreendemos que a proposta de Santos, ao construir as noções de “epistemologias do sul” e ecologia de saberes é de uma aproximação dialógica entre as diversas cosmologias e visões de mundo. Entendemos *cosmologia* como forma de ordenar o caos a partir do cosmos e conferir um significado ao mundo como totalidade cosmológica, tendo como referência o mundo social. Segundo Leonardo Boff cosmologia é a “imagem de mundo que uma sociedade produz para situar o lugar do ser humano no conjunto de seres” (2001, p. 43). A cosmologia é, assim, o conjunto de crenças e suportes simbólicos e mitológicos que sustentam um modo singular de olhar o mundo. As cosmologias criam e nos ajudam a dar conta de nossos assombros e indagações frente ao mundo.

E é dentro da sustentação cosmológica que encontramos os conhecimentos de que fala Santos. Entrar em contato com outras cosmologias não resulta um exercício tão fácil; exige desprendimento, abertura e disposição para suspender momentaneamente suas crenças, julgamentos, conceitos. Caso contrário, corremos o risco de cairmos no mesmo lugar do olhar que, fechado em si mesmo, não se coloca em condições de escutar de fato, cria distâncias abissais, buscando sempre um enquadramento, uma maneira de encaixar aquilo que lhe parece estranho dentro de alguma explicação e categorização que já possua.

Em busca desse contato aberto com outros saberes, nós, enquanto pesquisadoras, temos experimentado diferentes formas de nos aproximar desse outro, tão próximo e por vezes tão distante, e de seu universo. Foi com essa disposição que planejamos partilhar a realização de um grande desejo das duas, de caminhar.

Quem não caminha, não conhece”, diz o “povo dos Buracos” segundo Ana Cerqueira, que realizou um estudo antropológico sobre os modos de vida dessa comunidade localizada no Vão dos Buracos, no município de Chapada Gaúcha, no noroeste de Minas Gerais. E reforçando a fala de seus interlocutores, a autora ainda conclui que “o espaço é existencial antes de ser geográfico” (VASCONCELLOS, 2015, P. 29)

Encontramos no caminhar, nas travessias, um convite a perceber o mundo desde outros lugares e a conhecer e refletir na condição de caminhantes. Caminhar se deixando levar pelos encontros que surpreendem ao longo do caminho, se entregando à paisagem mutante que não cansa de encantar os olhos sedentos. Essa é uma das experiências de maior poder transformador que até hoje pudemos experimentar, uma vez que possibilita uma conexão mais profunda com a força, beleza, humildade e coragem dentro de nós.

Caminhar nos convida a uma abertura para outros encontros com as pessoas, porque quando caminhamos por lugares ainda não conhecidos, nos abrimos para aquilo que o caminho nos traz, e

naturalmente nos dispomos mais a nos desapegar de conceitos, crenças, ditames. Permitimo-nos sermos outros, menos previsíveis, mais intuitivos, mais afetivos.

Durante a viagem, adotamos como prática a escrita de diário, registrando nossas experiências, surpresas, caminhos, recordações. São os diários que agora nos servem como ponto de partida para refletir e colocar em questão a experiência vivida. Para isso, é necessário esse tempo do distanciamento, o retorno a nossas vidas ordinárias. Augé (2003), em *El tiempo en ruinas*, observa que a tarefa do antropólogo passa pela escrita e que para isso é necessário esse retorno à casa. O autor também coloca em questão um dilema a quem se propõe a tal empreendimento.

Es necesario regresar para escribir, al menos regresar a casa. Por consiguiente, entre “la experiencia” vivida sobre el terreno y la escritura se instaura una distancia doble: la distancia de uno mismo respecto de uno mismo (que significa lo que he vivido y observado en caliente?), distancia que tiende a confundirse con la que media entre los otros y unos mismo, distancia que resulta no obstante bien distinta debido a que esta última proviene de la teoría de la “mirada distante”. Se hay tenido en cuenta alguna vez que la exigencia de “método” a la que obedece el etnólogo (situarse dentro y fuera, cerca lejos), al margen de que duplica su obligada forma de trabajar – no hay más remedio que volver para escribir, hay que establecer una distancia entre el yo que se encuentra muy lejos de los otros y el que va a describirlos -, es la misma que podría definir la memoria?(AUGÉ, 2003, p. 12-13)

É deste longe e perto, dentro e fora, que escrevemos. E escrevemos nossas memórias porque pensamos que refletir sobre essas experiências é necessário para compreender outros modos de organizar a experiência da vida. Neste sentido, nos interessa a proposição *transmetodológica* de Maldonado (2011). Ao refletir sobre os modos de conceber e produzir ciência, o autor reconhece que o modelo formal de Popper que divide o conhecimento em três mundos (empírico, subjetivo e científico) contribui para problematizar algumas questões necessárias às dimensões investigativas, mas observa que também fragmenta as relações entre a cultura, o social, o político, o educativo, o intersubjetivo e o campo científico. Propõe, para superar os formalismos e utilitarismos investigativos, a perspectiva *transmetodológica*, “que argumenta a necessidade de produzir configurações científicas *multidimensionais* que liguem o *mundo científico* ao mundo da vida cotidiana” (MALDONADO, 2011, p. 27. É neste entendimento que propõe que a pesquisa deva vincular a cultura científica de pesquisa às culturas populares, às técnicas, regionais, milenares, autóctones, locais e também mundiais. “As particularidades e especificidades científicas estão atravessadas por lógicas, cosmologias, modelos, culturas, condições de produção e ideologias que marcam seus sentidos, objetivos e realizações.” (2011. p. 27).

Assim é que optamos por trazer a este texto nossos diários, configurando uma metodologia de inspiração etnográfica, mas não como única resposta ao método. Nossa experiência transcrita e o que produzimos sobre ela. Não somos antropólogas, e essa escrita tampouco foi feita no sentido de tentarmos ser. Somos caminhantes, latino-americanas, viajantes, jornalistas, estudantes que pesquisamos diferentes

áreas, entre comunicação, educação, jornalismo e cidadania, com trajetórias distintas. Nossos diários são nossos registros pessoais de viagem, que agora problematizamos e propomos que se tornem também material de pesquisa, vinculando nossa experiência vivida com uma mirada acadêmica. Assim, apresentamos trechos de nossos diários, de cada uma de nós escrito individualmente, mas que aqui apresentamos indistintamente, como que compondo, em sua fusão, parte de nossas reflexões sobre o vivido. A experiência, afinal, é compartilhada.

Walter Benjamin, em “Diário de Moscou” (1989), escrito durante sua estadia de quase três meses na capital russa, nos fala da potencialidade que uma viagem profunda faz brotar no olhar.

Por menos que se tenha conhecido a Rússia, aprende-se a observar e julgar a Europa tendo em mente aquilo que se passa na Rússia. Este é o primeiro resultado com que se depara o europeu atento. Por este motivo, ainda, uma estada na Rússia constitui tão precisamente uma pedra de toque para os visitantes estrangeiros. Todos são obrigados a escolher e definir cuidadosamente seus pontos de vista. De maneira geral, quanto mais distante e particular, quanto mais inadequado à esfera da experiência russa for este ponto de vista, tanto mais se prestará a teorias fáceis. Quando se penetra mais profundamente na situação russa, não se é impelido em direção a abstrações como as que, sem encontrar resistência alguma, vêm à mente do europeu (Benjamin, 1989, p. 132 - 133).

Nesse fragmento, escrito por Benjamin após seu retorno à Europa, aprendemos que sua estadia na Rússia e o contato com aquele modo de vida e pensamento traz deslocamentos em seu olhar para a Europa. Ele retorna com uma nova condição de olhar e, assim, é capaz de perceber coisas antes não alcançáveis pela mirada acomodada de quem é do lugar. Nossa viagem por parte da América Latina nos trouxe deslocamentos de olhar, e um aprofundamento na percepção da cosmologia capitalista. Permitiu-nos depararmos com elementos parecidos nas tramas que enredam os contextos latinoamericanos, bem como aqueles que ressaltam a diversidade que colore seus territórios.

O trajeto, a viagem e a chegada

São 23h34 do dia 15 de janeiro de 2016 quando começo a escrever. Do quarto lilás amplo, escuto o som como que sertanejo do bailinho que movimenta a comunidade local. Um bailinho como qualquer outro de cidade pequena, poderia ser. Só que ao pé de um punhado de montanhas. Estamos em Iruya, província de Salta, norte da Argentina. Chegamos aqui ao entardecer, Raquel e eu. A paisagem das 3 horas de ônibus de Humauaca para cá, as mais deslumbrantes e emocionantes com as quais já me deparei. Me fizeram ignorar inclusive o medo da viagem beirando os penhascos em um ônibus muito simples.

(...) A 4000 metros de altitude, ver uma quantia infinita de montanhas sobrepostas, em diferentes cores, texturas, com as nuvens sobre elas, às vezes abaixo de nós, foi de encher o coração e os olhos.

(...) Subiendo y bajando los cerros, lo que nos trajo los paisajes más increíbles. Era como se estuviéramos en otro planeta. Quando estávamos no ponto mais alto do caminho, a sensação de olhar para a imensidão do horizonte era de estar afastada da Terra, de poder

olhá-la de cima, contemplar com o Espírito. Aos poucos fomos descendo e vendo cerros de todos os tipos e cores, até chegar a Iruya que está a 3200 metros de altitude.

Para chegar a Iruya, o caminho é de Humauca, que fica na província de Jujuy. Além da paisagem, nos chamou a atenção o fato de que, para chegar na cidade, é necessário atravessar, por diversas vezes, um rio. Não há pontes. No verão, o rio está seco, ou muito baixo. Nos perguntávamos como era possível chegar a este local quando o rio está cheio, se não há pontes, pensando se a comunidade estaria isolada. Depois soubemos que não há como construir pontes sobre rios que se expandem tanto, e que a maneira de resolver a passagem são as “máquinas” do governo, pelas quais a comunidade batalhou.

Na chegada a Iruya, também tomamos nota de nossas primeiras impressões, relacionadas ao turismo, e nossas impressões gerais sobre o local, os hábitos, as pessoas, a cultura local.

Aquí em Iruya, quando chegamos, assédio dos moradores locais para oferecer pousadas. Preço padrão: 100 pesos, sem desayuno. Visitamos uma que não gostamos muito e acabamos ficando na casa do seu Celestino e dona Virgínea, conhecidos como Velasquez.

(...) Saímos e caminhamos um pouco pela cidade, resolvendo nossas questões financeiras e também como seguiríamos nossa viagem. Estávamos buscando um lugar para comer e tomar um vinho e chegamos a uma feira onde havia tanto comidas, como chapéus, brincos, essas coisas. As tiendas de comida pareciam com o que tínhamos visto em Huamauaca, com mesa e bancos para quem quisesse sentar, uma grelha e uma fritadeira onde preparavam as comidas. Ali, a feição dos índios, assim como em Huamauaca, já era diferente do que vínhamos vendo. Já começávamos a ver as “cholas”, com suas tranças, saias e aguayos, carregando ali seus filhos. Em Humauaca havia sopa, em Iruya, papas fritas, humita, empanadas fritas, entre outras coisas.

O turismo comunitário

Seguimos buscando um lugar para comer, até que nos chamou a atenção uma bandeira indígena à frente de um estabelecimento. Entramos para ver do que se tratava e descobrimos o centro de informação turística.

O turismo em Iruya é organizado pela própria comunidade. Um serviço de turismo comunitário, como indicavam as placas e como nos esclareceu Adelina López, que foi quem nos atendeu. Uma líder comunitária, envolvida em diversas atividades do povoado.

Entramos e fomos recebidas por uma mulher indígena de mais ou menos 40 anos. Lara perguntou a ela onde podíamos encontrar um lugar para comer a comida que eles comem. Adelina nos falou da feira e explicou um pouco sobre cada comida. Lara perguntou como começou o turismo ali e aí Adelina nos contou um pouco de como tem sido esse processo complexo.

(...) Nem sempre foi assim. Adelina nos contou que o turismo para cá começou há muito pouco tempo, em 2001, ano de crise na economia argentina. Os argentinos e, especialmente, porteños, sem poder ir às praias do Brasil e outros destinos estrangeiros, começaram a explorar seu próprio país e subir ao até então desconhecido norte.

Descobriram Iruya, “el pueblo entre los cerros”; chegaram e bateram nas portas das casas em busca de lugar para dormir, comida e passeios. Adelina nos narrou como foi complicado e difícil para eles isso, porque não sabiam o que fazer, nem como lidar.

(...) Para a comunidade, conta Adelina, foi um choque. As 23 comunidades aborígenes indígenas de Iruya estabelecem relações solidárias entre si e o mesmo fizeram com os turistas. Receberam aquelas pessoas em suas casas, porque assim agiam, compartilhando e acolhendo. Essa acolhida, entretanto, foi difundida entre os turistas como uma opção muito econômica de viajar, gastando muito pouco ou até nada.

Logo correram notícias de que aqui não se cobrava hospedagem nem comida e o fluxo de turistas aumentou. “Demos a mão, saltaram no nosso colo”, conta, ressentida, Adelina. A média de turistas hoje é 510 por dia, no mês de janeiro. Turistas que demandam Coca-Cola, água em garrafas e que transformaram a cultura local que, por sua vez, não recebeu nenhum aporte do governo. Cada um se virou por sua conta e foi remodelando suas casas para oferecer hospedagem e serviços, como o seu Celestino Velásquez, na casa em que estamos.

(...) Para Adelina, nesses 15 anos da chegada do turismo, muitas mudanças aconteceram, desde o âmbito da saúde, com o surgimento de doenças novas, como a diabetes, o AVC e o câncer; até em relação às referências socioculturais que hoje influenciam os jovens e as crianças de Iruya, como o modo de vestir, o uso de tecnologias, o consumo dos produtos industrializados, e costumes que são estranhos ao povo de Iruya, como beber na rua. Por outro lado, Adelina também reconhece que muitas famílias puderam melhorar sua qualidade de vida.

Esta conversa talvez tenha sido o ponto de virada de nossas percepções sobre o local. Desde nossa chegada, ou antes dela, ainda no ônibus, algo nos incomodava. O assédio dos moradores locais aos turistas, a indiferença de muitos destes às pessoas do local. A conversa com Adelina, que nos fez inclusive nos sentirmos mal em alguns momentos por sermos também turistas naquele local, foi como uma provocação que nos permitiu refletir no restante da viagem. Foi para nós um aprendizado, e um modo de perceber as relações entre os que chegam e partem, e entre os que ficam. Pensar as implicações do turismo. Pensar o quanto é importante e necessário o aprendizado com os povos dos locais que visitamos. Observar que a busca por este aprendizado nem sempre é presente. E que essas posturas distintas partem de visões de mundo diferentes e cosmologias distintas. A viagem configura também uma lógica de consumo. Muitos viajantes rumam em busca de lugares, paisagens, e desconsideram em alguma medida as histórias de quem vive no lugar.

Festival de Copla e oferendas a PachaMama

Acontece aqui em Iruya um festival de canto e copla, que é como repente. Há venda de comida, flores, artesanía. A partir das 9 da manhã já podíamos escutar o Festival de cantos e coplas que são versos cantados que falam do dia-a-dia, trazendo diversos temas.

No festival havia um palco onde se apresentavam os cantores e ao redor várias mesas onde as pessoas expunham seus cultivos e vendiam seus produtos: flores, hortaliças, tudo estava ali para ser reconhecido como algo importante e podíamos perceber o orgulho dos expositores. Eram produtos comuns, mas a beleza estava no testemunho da vida que a

simples presença desses produtos trazia, bem como a dedicação e o trabalho daqueles que cuidaram para que aquela vida estivesse ali e pudesse alimentar a comunidade e alegrá-las com cores e perfumes. Na terra da Pachamama, o reconhecimento da fertilidade da mãe Terra e a celebração dessa benção é a principal energia movente.

Do lado esquerdo, no pátio, a céu aberto, acontecia uma cerimônia de oferenda para a Pachamama. Todos os copleiros deveriam prestar sua oferenda antes de cantar. Depois Norberto, o guia com quem estivemos durante a tarde, nos explicou que se faz sempre uma oferenda à Pachamama antes de iniciar algo, pedindo permissão e proteção à mãe Terra. Assim, foi feita uma cerimônia para a realização do festival, e também antes da chegada dos turistas. Também se faz a cerimônia quando se constrói uma casa e quando se muda para essa casa. Como disse Norberto, não se chega em lugar sem antes pedir permissão.

Enquanto o festival tinha início, subíamos o Pueblo e encontramos um mirante. A vista é deslumbrante. As montanhas, tantas montanhas aparecem nas mais diversas cores: rosa, azul, verde, laranja, em infinitas entonações. As nuvens, tão próximas, o povoado, o rio seco, tudo torna o cenário mágico. Para usar as palavras da Raquel, parece que estamos em outro planeta.

Lá de cima, do mirador, de onde se vê a cidade, as falas do apresentador ressoavam pelos paredões dos cerros e nos chegavam como cantos que ecoavam em um sonho. A paisagem tão distinta com os cerros cor de fogo e terra que abraçava a cidade de mesmas cores, mais aquelas vozes que brincavam de pique pega entre os morros, trazia uma sensação dúbia de irrealidade e super-realidade. Um novo mundo se dispunha para nós, mundo que agora também vive na memória e no coração. “Todo tiene vida: el agua, las plantas, el sol...” “Pachamama, madre tierra, la madre”.

Do alto, admirando, sentindo, tentando racionalizar a paisagem mágica, ouvíamos o ritual de oferendas à Pacha Mama, que é a mãe, a terra, e todas as coisas que são vivas: os rios, a terra, as plantas. Pachamama sempre renasce, disseram. Já abaixo, vimos o ritual. Muitas oferendas, coisas da vida cotidiano: hojas de coca, cigarros, comida, bebidas e, para nossa surpresa, Coca-Cola.

Outra vez percebemos as trocas que se estabelecem. Tentadas a lamentar a entrada de produtos ícones do capitalismo, levamos aqui em conta o que afirma Augé (2003) quando reflete sobre a globalização, numa crítica à figura do antropólogo diante dela. Não se podem comparar situações apenas pela familiaridade que temos com elas. É preciso problematizá-las.

La actual globalización, pese a que tenga la originalidad de haber casi rizado el rizo de concernir efectivamente a todos los habitantes del planeta, no debería sorprenderle: ha pasado una considerable parte de su vida observando su puesta en marcha. En realidad, le debe su existencia: en las colonias, y más tarde en los países de independencia reciente, de las zonas rurales donde se despliegan las operaciones de desarrollo a los barrios de chabolas de las periferias urbanas, de las aldeas aisladas a los campos de refugiados, de las misiones católicas a las Iglesias de Pentecostés, de los altares de fortuna donde se inventan cultos nuevos a las mezquitas islámicas o islamitas, de los primeros transistores a la televisión generalizada, no ha cesado de seguir su avance ni de tratar de comprender sus causas y sus efectos. Él ha sido, históricamente, después del militar y el misionero, uno de los primeros signos de esa globalización, a pesar de que no siempre se haya percatado de ello, y del mismo modo, hoy incurre in la creencia, reproduciendo el mismo error, de que no tiene nada que decir sobre ella y de que la globalización equivale al tañido de su hora postrera, cuando en realidad debería abrirle los ojos respecto a lo que constituye su verdadera vocación y su auténtico objeto (AUGÉ, 2003, p. 15 – 16).

Na perspectiva de construir uma metodologia com inspiração transmetodológica, encontramos diálogo nos recursos da etnografia. Afinal, o antropólogo, como descreve Augé, “habla de lo que tiene ante los ojos: ya sean ciudadanos o campesinos, colonizadores o colonizados, ricos o pobres, indígenas o inmigrantes, hombres o mujeres”, e segue, afirmando que ocupa-se “de lo que los une o los opone, de todo que los vincula, así como de los efectos derivados de estos modos de relación” (AUGÉ, 2003, p. 13).

A Coca-Cola que nos surpreendeu na cerimônia à Pachamama, foi assunto em conversa com Norberto, nosso guia na visita turística à zona rural. Explicou-nos que antigamente era feita uma bebida à base de milho, mas o processo era demorado. Essa bebida, se fermentada, era alcoólica, mas o processo lento foi substituído pelo uso de outras bebidas, como vinho e Coca-Cola. A temporalidade da comunidade também muda com a nova configuração aberta pelo turismo. O tempo lento já é ele também um tempo do passado, pois provavelmente o turismo diário demande novas tarefas e uma reorganização no tempo das pessoas e das famílias. Processos lentos perdem espaço.

Nas montanhas, os saberes milenares

Adelina não pôde nos acompanhar e nosso passeio na “zona rural” foi com o atencioso Norberto, de 31 anos. Às 15h subimos com Norberto para o passeio. Pegamos um ônibus que nos deixou a 5 km da cidade, na ruta. Entramos para a direita em um vale estreito e que estava aos pés de distintos cerros. Sobre o solo havia uma camada densa de um material que parecia um cimento. Ele nos explicou que aquilo era resultado do processo de erosão das serras e que as chuvas traziam de cima distintas lamas. Pela cor da lama eles sabiam dizer de que cerro era. A última lama que havia caído cimentou boa parte do vale. Norberto nos contou que antes o vale era cheio de plantações e flores, cultivados na parte mais baixa do vale, principalmente, mas que a erosão estava aumentando e avançando cada vez mais com essa lama que chamam de volcón.

(...) Vimos com ele as plantações de milho e outras culturas ao pé de uma montanha, regadas com água que desce por mangueiras dos “ojos d’água” de outras montanhas.

Aos poucos fomos subindo e conversando. Falamos sobre o turismo, a cidade, a construção das casas, plantas medicinais, sobre os rios e as chuvas.

Pelo caminho, Norberto vez ou outra desvendava um segredo guardado precariamente, debaixo de uma rocha, ou enterrado em algum lugar. Artefatos antigos que serviam como mote para suas histórias. Vimos pedaços de ollas (panelas) de sus ancestrales, de mais de 600 anos (pré-incaicos), urnas mortuárias, identificáveis pela presença de um jarro onde se colocava água para o morto, para que esse pudesse fazer tranqüilo o longo trajeto até o céu.

(...) Assim, com essas explicações de Norberto, fomos subindo a montanha. Uma entre tantas. No caminho vimos a casa feita de barro dos pais de Adelina, vasos dos ancestrais indígenas, um criadouro de cabras (que estavam andando pelas montanhas com o cachorro que as guia, como vimos depois), as “casas” de pedra muito rudimentares em que dormiam agachados os ancestrais e os rituais de pedidos de permissão, segurança e agradecimentos à PachaMama. Norberto nos explicou que em tudo há sempre uma dualidade, que se resume no masculino e feminino. Por isso, para agradecer, oferecer à PachaMama, devemos sempre fazê-lo com as duas mãos.

Norberto também nos contou que a Coca-Cola, presente no ritual da praça naquele dia, é uma substituição da Chinchia, bebida tradicional daquela região, feita à base de milho. E nos disse que é semelhante a uma bebida da Bolívia, lá chamada “api”.

(...) Muito cuidadoso, Norberto nos dava a mão por onde era mais complicado caminhar. Andava tranquilo, sem pressa, mesmo que quisesse estar no festival.

Esse caminhar mais lento, compreendemos hoje, como uma chave; um convite para a entrada em seu mundo – do Norberto –, e seu povo, sua cosmologia. Essa atitude revela a profunda generosidade e disponibilidade dessas pessoas em partilhar conosco um pouco do seu universo. Nós buscávamos narrativas, relatos, corríamos atrás das palavras. Mas ele, naquele passeio, nos possibilitou experienciar por nós mesmas aquele mundo, e isso nos trouxe muito mais do que as palavras podem dar.

Neste ritmo tranquilo, de conversa e subida, com várias pausas para demonstrações e explicações, chegamos ao topo da montanha, a mais ou menos 3200m de altitude. Para todos os lados, o que víamos era imensidão. As cores das montanhas, em tons pasteis, se alternavam em verde, azul, rosa velho, salão, laranja claro. A sensação de grandeza da terra, da nossa insignificância diante dela, de paz, muita paz, foi imensa, indescritível. Creio não ter vivido cena tão linda na vida.

(...) Subimos até 3080 metros e paramos no alto de um dos cerros, onde ele disse que sempre paravam 4 côndores. A vista era simplesmente magnífica: cerros azul, rosa salmão, laranja e verde se intercalavam num baile de cores e sensações trazidas pelo vento.

(...) A Raquel se aventurou mais e percorreu um trecho que me daria vértigo, para adentrar em cavernas em que o povo originário se escondeu à época da invasão Inca.

(...) O próximo passo do passeio era caminhar por uma estreita trilha entre o cerro e o precipício para ver as cavernas onde os indígenas se refugiaram quando sentiram que estava por chegar gente estranha, no caso, os espanhóis. O caminho foi tranquilo de percorrer; mais complicado foi subir, ou melhor escalar o cerro para chegar na primeira caverna. Mas foi uma experiência incrível. Era um buraco no meio da serra, onde cabiam no máximo 4 a 5 pessoas de cócoras, que era como eles dormiam. Fiquei ali agachada tendo à frente a paisagem mais impressionante que se poderia imaginar. Senti-me completamente distinta. Não existia Raquel, sequer era humana. Era parte daquela paisagem; me percebia mimetizada com as montanhas e o céu, não havia chão para onde seguir com os passos. Não havia caminho, e essa reconfiguração do espaço, aprofundou em mim o presente, levando dele todo e qualquer juízo, pensamento, lembrança. Eu era presença que queria lançar-se. E nessa noite sonhei que fazia isso; era um condor se jogando daquela pequena caverna sedento de alcançar o céu. Importante dizer que quando entrei na caverna Norberto me disse: “quedáte tranqüila a meditar y vas a ver que vas sentir muchas cosas”.

É possível um diálogo com o sentimento traduzido por Bachelard (1975) como por “imensidão íntima ou imensidão interior”, como nos diz Ana Luisa Vasconcellos (2015):

associando-lhe a categoria filosófica do devaneio e as imagens da grandeza espacial, representadas pelas paisagens do mar, das planícies, da floresta, do deserto, da noite ou de qualquer outro objeto fenomenológico do qual se depreendesse uma experiência de expansão interior, aprofundamento ou transformação da própria percepção. Assim, como numa espécie de fusão entre ser e espaços, o mundo do sertão seria aquele das imagens e das experiências transcendentais, onde o sujeito se encontraria num tempo e num espaço ontológicos (a-históricos) – tábula rasa – em estado de errância,

em constante vir-a-ser, sob a condição de ainda ter que criar o cosmo em que irá existir (VASCONCELLOS, 2015, p. 25).

Voltamos para onde a Lara estava nos esperando e recebemos um lindo presente: a visita dos condores. Mas não eram apenas 4, mas 6! Foi incrível. Começamos a descer o cerro e no céu os trovões anunciavam a chuva. E realmente começou a chover. Já no vale, pudemos caminhar mais rápido pelo risco dos volcanes. Já na estrada, de onde se via o pueblo, recebemos outro lindo presente: dois arco-íris.

(...) Na descida, passamos pela casa da “abuela” da comunidade, já falecida, e em sua cozinha vimos um vaso inca, com uma serpente talhada no pegador, que simbolizava proteção dos ratones. Havia uma rachadura, consertada com pedras misturadas a fígado de animal. A casa já era ao pé da montanha. Aí começou a chover. Corremos, depois tomamos água fresca que descia das montanhas e voltamos caminhando a Iruya, com o “regalo” de dois acor-íris. Como nos disse Norberto, “teve de todo”.

Reflexiones

Nossa estada em Iruya nos possibilitou perceber com profundidade os impactos desenrolados no povoado, resultados do encontro com a cosmologia capitalista. Essa cosmologia é sustentada pelo pensamento moderno, cuja instauração na sociedade europeia, no contexto da chamada “revolução industrial”, se deu com inúmeros rompimentos, entre eles, e talvez o mais importante, o rompimento com a tradição. Esse rompimento é legitimado, com a desqualificação dos saberes e conhecimentos presentes nas tradições, tidas como arcaicas, supersticiosas, entre outras qualificações pejorativas. Em seu lugar, se coloca o conhecimento científico, racional, metódico, produzido desde um lugar que seria mais seguro, e mais próximo à realidade, “sendo certo que a validade universal da verdade científica é, reconhecidamente, sempre muito relativa, dado o fato de poder ser estabelecida apenas em relação a certos tipos de objetos em determinadas circunstâncias e segundo determinados métodos” como pontua Boaventura de Sousa Santos (2007, p. 5)

É fato que esse mito criado pela modernidade, de sua superioridade em relação às demais formas de pensar, traz uma condição muito singular de estar no mundo, arrogante e fechada em si mesma. Outro mito criado pela modernidade é o de que sua organização do mundo seria a mais “correta”, a mais “evoluída”, e por estar no fim da linha progressiva e evolutiva da história da humanidade, seria a única possível. O pensamento abissal, que separa com um abismo tudo que está do “outro lado” da linha, do lado colonial, não permite o reconhecimento de outras formas de organizar a experiência humana. Sem conhecimento e distinção científica entre o verdadeiro e falso, são crenças, opiniões, magias, idolatrias, intuitivos e subjetivos (SANTOS, 2007, p. 5). De várias formas, esse mito impregna nosso olhar para o mundo e nossas relações com o outro, e principalmente com outras cosmologias.

A cosmologia capitalista, gerada pela modernidade, aprofunda seus valores e traz como justificativa última para todas as suas ações e criações, a geração de lucro. Na lógica capitalista, tudo é passível de ser vendido, comercializado. Essa lógica, por sua vez, é tecida pelo fio do racionalismo.

Para Benjamin (2006), o capitalismo coloca o mundo em um sono repletos de sonhos. Os conteúdos desses sonhos passam por toda espécie de desejo e fetiche, mas se desenrolam, em sua maioria, em cenários montados pelo trabalho do *desenvolvimento* – noção imbricadamente atrelada à ideia de progresso –, da *ocidentalização* e da *racionalização tecnoeconômica*, tomando este último termo emprestado de Edgar Morin (2013).

Vivemos sob a égide de uma nova cegueira, como afirma Morin (2013), alimentada pela ilusão de que a racionalidade determina o desenvolvimento. A racionalidade, entretanto, tal qual a temos compreendido, é confundida com o que ele chama de *racionalização tecnoeconômica*. Essa racionalização se limita ao cálculo como instrumento de conhecimento, alheio às atividades e dimensões não permeadas pela monetarização, pelo que não pode ser calculado economicamente ou medido.

Iruya nos comunica o quanto o fechamento para a aproximação com outras lógicas por parte da cosmologia capitalista, sustentada pela perspectiva de produção de conhecimento científica, nega qualquer outra possibilidade de compreensão do mundo. Além disso, no caso de cosmologias como a andina, baseada em valores muito distintos dos seus, um contato realmente aberto com seus universos produz profundo risco. Seu contato provoca questionamentos, que por sua vez, podem desnudar a lógica capitalista de toda a trama argumentativa bem montada e propagandeada que a sustenta, e mostrar suas debilidades e contradições, sua desumanidade.

O turismo comunitário em Iruya dá ao turista a possibilidade de ter a experiência de um breve contato com o universo ancestral andino. Muitos, entretanto, preferem percorrer os cerros por conta própria, e adentram aquele território sem compreender as dinâmicas das relações entre o Sagrado e o cotidiano da comunidade, que sustentam o lugar. Com isso, há acidentes recorrentes de pessoas que se machucam nos cerros.

O desacelerar com que Norberto nos propõe adentrar o cerro, nos insere em seu tempo-espço, abre possibilidades de vermos o lugar que nos recebe, de nos conectarmos com ele, com seu espírito, no sentido benjaminiano. Aprofundando a compreensão em torno das noções de experiência e vivência em Benjamin, pudemos acessar outro sentido de ser humano. Pudemos adentrar o profundo do tempo-do-agora. Esse ínterim que é pura potência e que nos alinha de alguma forma com uma história muito maior que a nossa. Nós éramos parte daquela paisagem, daquele povo. E reconhecer essa ligação, é nos reconhecer desde um lugar muito distinto: da integração, que é todo o tempo aprofundada pela consciência ancestral.

Referências

AUGÉ, Marc. **El tiempo en ruinas**. Barcelona: Gedisa, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Diário de Moscou**. Trad. H. Herbol. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Tópico N: Teoria do conhecimento, teoria do progresso**, in **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BOFF, Leonardo. **Casamento entre o céu e a terra**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

MALDONADO G., A. Efendy. Premissas conformadoras de culturas científicas para a formação de investigadoras(es) em comunicação no contexto latino-americano de inícios do século XXI. In: MALDONADO G, A. Efendy; BARRETO, Virgínia Sá; LACERDA, Juciano de Sousa. **Comunicação, educação e cidadania: saberes e vivências em teorias e pesquisa na América Latina**. João Pessoa; Natal: Editora da UFPB, Editora da UFRN, 2011.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**; tradução de Edgard de Assis Carvalho, Maria Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, Out. 2007.

VASCONCELLOS, Ana Luísa. **Rastros em Chão Branco: o sertão de João Guimarães Rosa entre percepções e memórias de travessias**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais – Universidade Estadual Paulista. 2015